

**Natureza: um ensaio sobre o resquício simbólico no espaço urbano**

*Nature: un essay on the symbolic remnant in urban space*

*Naturaleza: um ensayo sobre el residuo simbólico en el espacio urbano*

**Antonio Busnardo Filho**

Professor Doutor, UNIVAG, Brasil  
antonio.busnardo@univag.edu.br

**Antonio Soukef Júnior**

Professor Doutor, UFPEL, Brasil  
antonio.soukef@ufpel.edu.br

**Willian Jonas Mininel**

Mestre, UNIVAG, Brasil  
mininelwj@gmail.com

#### RESUMO

O artigo propõe uma reflexão ensaística sobre a formação dos núcleos humanos, mais tarde a cidade, a partir de sua estruturação simbólica e da sua função primeira de refúgio, cujo sentido de proteção - das intempéries, dos perigos, e das invasões - criava, também, o sentido de comunidade. E esta formação pontua a organização interna, diferenciando-a do caos externo - ordem e caos se intercalam na construção simbólica do espaço urbano, que no seu desenvolvimento histórico, após um distanciamento com a natureza, recorre a sua representação dentro do espaço organizado. As praças e as áreas verdes, na organização do espaço urbano, serão as representações mais próximas da natureza, com toda a amplitude de significados, que transcendem as suas funções urbanas, permitindo o passeio e o devaneio, ou ainda o medo. Para compreender a dimensão fantasmática das praças e áreas verdes (dos sistemas de áreas livres), foram pesquisados vários autores, mas, principalmente, os menos técnicos, circunscritos às reflexões habituais da área do urbanismo, mas os que permitem ampliar o campo da pesquisa, como Ítalo Calvino e Gilbert Durand. Neste sentido, este artigo pensa a possibilidade de teorias, pouco consensuais à área, servirem de princípios para o desenvolvimento de outras metodologias de pesquisa, que elegem como objeto de análise os sistemas de áreas livres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Natureza. Praças. Espaço urbano.

#### SUMMARY

*The article proposes an essayistic reflection on the constitution of the human nuclei, after the city, from its symbolic structuring and its primary function of refuge, whose sense of protection - from the elements, from the perils, from the invasions - also, created the sense of community. And this constitution punctuates internal organization, making the difference between it and the external chaos - order and chaos are intercalated in the symbolic construction of urban space which, in its historical development, after a distance with nature, draws on its representation within the organized space. Squares and green areas, in the organization of urban space, will be the closest representations of nature, with all the extension of meanings that transcend its urban functions, allowing walking and daydreaming, or even fear. In order to understand this phantasmatic dimension of the squares and green areas (open spaces systems), several authors have been researched, but mainly the less technical ones that flee from the usual studies of urbanism, but those that allow to broaden the field of research such as Italo Calvino and Gilbert Durand. In this regard, this article suggests the approach of other theories, maybe unusual to urban agenda discusses, that serve as guideline for the development of other research methodologies, whose object is to analyze open spaces systems.*

**KEYWORDS:** Nature. Squares. Urban space.

#### RESUMEN

*El artículo propone una reflexión ensayística sobre la formación de los núcleos humanos, más tarde la ciudad, a partir de su estructuración simbólica y de su función primera de refugio, cuyo sentido de protección de las intemperies y de los peligros creaba, también, el sentido de comunidad. Y esta formación puntualiza la organización interna, diferenciándola del caos externo - orden y caos se intercalan en la construcción simbólica del espacio urbano, que en su desarrollo histórico, tras distanciamiento de la naturaleza, recurre a su representación dentro del espacio organizado. Representaciones más cercanas a la naturaleza, las plazas y áreas verdes trascienden las funciones urbanas, permitiendo el paseo y el devaneo, o aún el miedo. Para la comprensión de la dimensión fantasmática de estas áreas, fueron seleccionados autores como Ítalo Calvino y Gilbert Durand cuyas reflexiones, aunque extrañas a los estudios urbanos, permiten ampliar el campo de investigación por el desarrollo de otras metodologías de análisis para estos espacios urbanos.*

**PALABRAS CLAVE:** Naturaleza. Plazas. Espacio urbano.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde as mais remotas eras o homem sempre procurou um lugar para se proteger dos perigos representados pelos animais selvagens e para se resguardar das intempéries, das forças da natureza. Procurou o refúgio, primeiramente, na companhia dos seus semelhantes, reunindo forças para sua sobrevivência; em seguida, estabeleceu-se num lugar e formou um grupo que procurou a coesão na organização do espaço físico e na hierarquia grupal, estabelecendo um dentre eles como o responsável pela sobrevivência de todos - o chefe, o rei, o soberano, etc.

Lewis Mumford (1982) diz que a cidade tem uma forma amadurecida, quando surge e que para se compreender a cidade é preciso que se recorra às suas funções mais primitivas, porque

[...] antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna; o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com outras espécies animais” (1982, p.11).

Mesmo antes de se estabelecer em um único lugar, criando o germe daquilo que seria a origem da cidade, o homem pré-histórico caminhou por seu mundo numa transumância contínua atrás da sua principal fonte de sobrevivência, o animal; no momento em que se tomou sedentário colocou em evidência o outro polo da vida, o repouso. Toda a vida é composta de movimento e repouso, e o homem pré-histórico vivia em consonância com o seu mundo, num processo de eterna descoberta e adequação. Quando foi trocada a mobilidade pela estabilidade de um local seguro, trocou-se também o princípio da aventura pelo princípio da segurança. Talvez essa seja a característica mais forte do ser humano. Mumford (1982) afirma que a reprodução e a nutrição ocasionaram o protótipo “do tipo mais primitivo de aglomeração humana permanente, a povoação ou aldeia” (idem), a exemplo de várias espécies animais que retornam para o mesmo lugar para o acasalamento ou em busca de alimento, em consequência de uma possível, ou pretensa, territorialidade.

Esses locais de repouso que se contrapunham ao eterno movimento do homem do paleolítico surgiram com os mortos e se tornaram locais de retorno para as primeiras reverências às vidas passadas, mesmo que esses locais fossem coletivos - covas, cavernas ou um amontoado de pedra. Mircea Eliade (1998) levanta a importância do simbolismo da pedra para o homem primitivo a partir da sua rudeza, da sua dureza e da sua eterna permanência material como característica de uma hierofania, que faz com que o primitivo adore a pedra não por aquilo que ela representa em si, mas por alguma outra coisa que ela incorpora e exprime. Ao assinalar o lugar em que estavam os corpos dos seus semelhantes mortos, o homem primitivo erigia menires como uma forma de proteção contra ladrões, animais e, principalmente, contra a própria morte - “tal como a incorruptibilidade da pedra, devia a alma do defunto subsistir indefinidamente sem se dispersar do eventual simbolismo fálico das pedras tumulares pré-históricas confirma este sentido: o falo era um símbolo da existência, da força, da duração” (ELIADE, 1998, p. 176).

A adoração das pedras mortuárias, que se tornou ponto de retorno para o homem primitivo e centro de adoração aos mortos, permitiu, o desenvolvimento de uma cratofania lítica (ELIADE, 1998) que, de um sentido mortuário, elevou a pedra ao símbolo mais organizador do

pensamento do homem, o que remete à importância do centro e, conseqüentemente, àquilo que para os habitantes de Delfos era o *omphalo*, o umbigo do mundo; ou ainda o local em que Jacó adormeceu, que estabelecia a comunicação entre o Céu e a Terra. Assim, a cidade dos mortos antecede à cidade dos vivos e a morte dá autenticidade à vida, num jogo entre cosmos e caos - a organização que surge com os primeiros agrupamentos urbanos, e a desorganização do desconhecido, a morte, que deve ser respeitado. A cidade é sagrada desde a sua origem, já que

[...] o primeiro germe da cidade é, pois, o ponto de encontro cerimonial, que serve de meta para a peregrinação: sítio ao qual a família ou os grupos de clã são atraídos a intervalos determinados e regulares, por concentrar, além de quaisquer vantagens naturais que possa ter, certas faculdades 'espirituais' ou sobrenaturais, faculdades de potência mais elevada e maior duração, de significado cósmico mais amplo do que os processos ordinários da vida. E, embora possam ser ocasionais e temporários os desempenhos humanos, a estrutura que os suporta, quer seja uma gruta paleolítica, quer seja um centro cerimonial maia, com sua altiva pirâmide, será dotada de uma imagem cósmica mais duradoura" (MUMFORD, 1982, p.16).

A sacralização deste espaço físico fez com que o homem procurasse cada vez mais uma semelhança com aquilo que ele supunha ser a representação de uma cidade divina - a Jerusalém Celeste, Shangri-lá, a Cidade Dourada, etc. -, a ordem, a diferenciação da luz, a separação do bem e do mal... e acima de tudo, o local do repouso e da proteção, um local de paz. No desenvolvimento histórico da cidade será possível entender que estes atributos se perderam e que o próprio local se transformou num local de combate, de forças de oposição, como se o cosmos tivesse sido invadido por forças caóticas e desestruturadoras; o mal que deveria ficar fora dos limites da cidade, com o desconhecido, a Necrópole, estava dentro dos muros e novos espaços de reencontro com o sagrado deveriam surgir, para uma recuperação da paz.

## 2 A concepção da cidade e seus elementos

A majestade e a grandeza da natureza assustavam o homem primitivo, mesmo sendo o seu primeiro refúgio, por sua espontaneidade e sua ordem incompreensível e pelas constantes surpresas que causavam um movimento eterno, tanto de renascimento das formas quanto de buscas de proteção e de fugas dos perigos naturais. Paradoxalmente, o repouso que se buscará na cidade em conflito será a semelhança com a natureza..., porém, de uma natureza domesticada - as praças e os parques - como numa busca perdida e idealizada deste arquétipo da liberdade que o homem primitivo representa.

Mas, é preciso dizer, antes de continuar ao encontro desse espaço de liberdade e de natureza encerrado na cidade, que a fundação das primeiras aldeias se deveu à figura da mulher, portanto a criação do mundo é ação da deusa. E que, por aproximação com a domesticação de animais e da agricultura, pode-se pensar a criação da aldeia como um ato escatológico, já que terá nos dejetos e nos esterco a origem dos ritos de fertilidade; e na domesticação dos animais, a permanência e continuidade de residência, além do controle de previsão dos processos que antes estavam sujeitos aos caprichos da natureza. Isto permitiu à mulher uma intimidade com os processos de crescimento, determinando-lhe um lugar central nesta nova economia; assim

[...] a aldeia é criação sua: não importa que outras funções pudessem ter, era a aldeia o ninho coletivo para o cuidado e nutrição dos filhos. Na aldeia, a mulher prolongou o

período de cuidado às crianças e o de alegre irresponsabilidade, de que dependem tanto dos maiores feitos do homem. A vida estável da aldeia tinha uma grande vantagem sobre as formas itinerantes e mais frouxas de associação, dos grupos menores, pelo fato de proporcionar um máximo de facilidade para a fecundidade, a nutrição e proteção” (MUMFORD, 1982, 19).

No desenvolvimento histórico, a aldeia não deixou de existir, mas subsistia juntamente com um novo aglomerado de homens de diferentes profissões, mas com funções definidas que hierarquizavam os poderes por meio das ordens Marcial, Pontifical e Imperial, principalmente, desdobrando-se depois nas ordens Quirinal e Mercantil (DURAND, 1980), que seria a cidade. As aldeias passaram a dar apoio à cidade à medida em que produziam alimentos e pagavam impostos para os reis e sacerdotes. Na cidade, o conhecimento e a autoridade dos mais velhos, dos anciões, foram substituídos pelo poder dos jovens dada a sua audácia. Nas cidades as funções que antes existiam dispersas foram juntadas e ordenadas para um melhor desempenho desta nova forma de aglomeração humana. A cidade torna-se uma

[...] estrutura especialmente equipada para armazenar e transmitir os bens da civilização e suficientemente condensada para admitir a quantidade máxima de facilidades num mínimo de espaço, mas também capaz de um alargamento estrutural que lhe permite encontrar um lugar que sirva de abrigo às necessidades mutáveis e às transformações mais complexas de uma sociedade crescente e de sua herança cultural acumulada” (MUMFORD, 1982, 38-39).

Desta forma, este aglomerado humano organizado, que a cidade representou, com suas muralhas passou a ser uma cópia, senão um substituto, do cosmo, uma aproximação do Céu e da Terra, num simbolismo do possível. A cidade foi no seu início uma utopia. É preciso que se ressalte que este cosmo, organizado segundo funções determinadas, era um espaço de tensão, como ainda hoje o é. As diferenças sempre foram e são mantidas por ordens que determinam o poder de controle das ações sobre os cidadãos dados por determinações políticas. Estas tensões dentro dos espaços das cidades e entre as próprias cidades são tidas como elementos necessários às relações sociais, segundo Vernant (2006), ao analisar a sociedade da Grécia antiga

[...] para os gregos da época clássica, a guerra era natural. Organizados em pequenas cidades, igualmente ciosas de sua independência, igualmente preocupadas em afirmar sua supremacia, eles veem na guerra a expressão normal da rivalidade que preside às relações entre os Estados; a paz, ou melhor, as tréguas, inscrevendo-se como tempos mortos na trama sempre renovada dos conflitos.

De resto, o espírito de luta que opõe as cidades entre si é apenas um aspecto de um poder muito mais vasto, funcionando em todas as relações humanas e até na própria natureza. Entre os indivíduos e entre as famílias, assim como entre os Estados, nos concursos dos Jogos, nos processos do tribunal, nos debates da assembleia, assim como no campo de batalha, o grego reconhece, sob nomes diversos como Polemos, Eris, Neikos, esse mesmo poder de confrontação que Hesíodo coloca nas raízes do mundo e que Heráclito celebra como pai e rei de todo o universo” (VERNANT, 2006, p. 24).

Percebe-se pela fala de Vernant que a sociedade grega priorizava e privilegiava o embate, mais do que o combate, que esta atitude era mais ritual, como o próprio autor demonstra, do que real. Toda a tensão do embate era um atributo das relações sociais, que só poderia acontecer dentro do espaço organizado das cidades. Deste modo, o cosmo é um conjunto de tensões que se esgotam em si mesmas para a manutenção da ordem, caso

contrário, o cosmo se estabelece em caos - como nas cidades atuais, que perderam o poder de simbolização das forças antagônicas; as lutas não são mais catárticas, são reais. A cidade contemporânea é uma *caosmose*, porque

[...] o mundo só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna uma posicionalidade subjetiva. Sob o efeito de um tal foco de causeuse, o conjunto dos termos diferenciais, das oposições distintivas, dos polos de discursividade é objeto de uma conectividade generalizada, de uma mutabilidade indiferente, de uma desqualificação sistemática. Esse vacúolo de descompressão é ao mesmo tempo núcleo e autopoiese sobre o qual se reafirmam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os Territórios existenciais e os Universos de referências incorporais” (GUATTARI, 1992, 102).

A cidade contemporânea sofre constantemente um processo entrópico, no qual as relações sociais são pouco consideradas, priorizando-se as relações pessoais. Os jogos rituais da comunidade e o pensamento estético tornam-se divertimentos e pensamentos individualizados, ou quando muito de uma pequena “tribo”. As tensões não podem, portanto, serem diminuídas de uma forma lúdica e nem socializadas para uma troca de experiências. Se antes, na cidade grega, o inimigo era o estrangeiro, na cidade contemporânea o inimigo é o outro e com ele é que se deve estabelecer as relações sociais. Isto faz com que todo o espaço da cidade - que já não tem mais os muros físicos - seja um espaço de guerra, de luta, de embate. A proteção, agora, subsiste apenas no interior das casas ou naquilo que o homem inventou como uma representação da natureza dentro da cidade - o parque, o jardim, as áreas verdes.

Parece paradoxal esta necessidade de se trazer para dentro do espaço cósmico ordenado uma variação da natureza, de um caos desordenado. No entanto, o que o homem expôs com esta invenção dos jardins foi a sua supremacia sobre as coisas do mundo. A sua força de controle e o seu poder de ordenação quase divinos. A sua determinação sobre a natureza indomável. Portanto, a sua vontade de ser Deus - aquele que cria segundo a sua vontade e à sua maneira. Nem um elemento do cosmo deixa de estar sob a sua vontade e determinação. Os parques e os jardins são, conseqüentemente, a representação do Paraíso Celeste, num pedacinho de chão dentro do espaço conturbado das cidades. Uma área que hoje existe por força de lei, não por necessidade, nem por questões de projetos urbanos; mas, que de qualquer maneira desvela seu potencial simbólico.

Considerando-se o simbolismo do Paraíso, o nascimento é a primeira expulsão, que obriga o ser humano a se adaptar a um novo mundo buscando uma situação primitiva que remonta ao traumatismo do nascimento (RANK, 1968) e que remete ao simbolismo da Mãe. Este modelo maternal é encontrado em todos os “espaços” criados pelo homem - do quarto à cidade -, onde o sentido único é o de proteção, o “único refúgio natural e certo onde o homem guarda a lembrança inconsciente: a cavidade intrauterina “ (RANK, 1968, p. 106). Nas representações mais antigas o homem vivia em estado de beatitude no Paraíso até que a ruptura cósmica - a queda - fez com que acontecesse uma mutação, condição ontológica da condição humana, e, na perda deste estado de graça, o homem sentiu a “nostalgia do paraíso”, buscando uma possibilidade de um *regressus ad originem*, por meio da criação de espaços que lhe restituíssem a sensação de aconchego e de proteção.

Se a cidade estava se voltando para outras funções que privilegiavam os embates, se aquilo que a princípio foi a representação ordenada e idealizada de uma representação Celeste, transformava-se rapidamente em um local de desafios e de inseguranças, o homem precisava

criar sob a sua força a representação do polo oposto - um local de extrema tranquilidade que possibilitasse o descanso e a meditação e que o aproximasse da primeira condição humana - a divina. Era o jardim, o Paraíso na Terra, que começava a faltar no espaço urbano. Este espaço traria à cidade o seu centro, o Centro que a ligaria novamente com o Céu, e que seria, independentemente de sua localização, o umbigo do mundo; portanto, o centro do Universo. O jardim é a representação arquetípica do Paraíso, que repete um modelo ideal que orienta todo o espaço, na sua forma primitiva

[...] o paraíso é, a princípio, um espaço delimitado, um espaço protetor, onde a feminilidade maternal representa um símbolo privilegiado. Demais, é o espaço central, que reforça sua natureza feminina e maternal, mas ao mesmo tempo confere-lhe qualidades que excedem essa natureza: o Centro, se ele é espaço 'criacional' por excelência, é também ponto de intersecção dos níveis cósmicos. Ele permite a junção da Terra e do Céu. Ele é o lugar indispensável para uma passagem à transcendência que ele carrega desde a origem. Assim, a 'nostalgia do paraíso' mistura intimamente transcendência e retorno; o *regressus ad originem* terá, então, facilmente o sentido de uma 'ascensão'." (GUHL, 1972, p. 19).

Enquanto espaço de transcendência o Paraíso é um lugar de realidade absoluta, permitida somente aos espaços sagrados, que por uma relação dinâmica entre os símbolos torna-se também um mito

[...] as características 'estáticas' do espaço paradisíaco são solidárias de um relato, de uma 'História' - 'paraíso' subentende 'paraíso perdido' - em três momentos: estado original, perda e recuperação. Enquanto mito, o paraíso é considerado, segundo a definição de G. Durand, como um "sistema dinâmico de símbolos, de arquétipos e de *schème*, sistema dinâmico que, sob o impulso de *schème*, tende a se compor em narração" (GUHL, 1972, 20).

Já é sabido desde "As estruturas Antropológicas do Imaginário", de Gilbert Durand (1989) que o simbolismo do refúgio integra as Estruturas Místicas, e o regime Noturno de Imagens, que transforma as mutações dos tempos em constâncias, em permanências, por meio de eufemismos, "é então que, no seio da própria noite, o espírito procura a luz e a queda se eufemiza em descida e o abismo minimiza-se em taça" (DURAND, 1989, p. 138).

No Regime Noturno da Imagem, a ideia de cidade se construiu. Desde as cavernas, as grutas, as aldeias, até a cidade propriamente dita, a presença feminina determinou os procedimentos necessários ao refúgio e ao descanso do guerreiro. O cosmo se formou como a representação de uma proteção uterina, de um paraíso ginecológico, que ao mesmo tempo em que escondia do mundo e dos perigos o filho, separava-o das possibilidades da conquista e da guerra, fazendo-o um herói entediado e sem propósitos. As diferenças não eram a marca das vivências porque todas elas estavam amenizadas em pequenas semelhanças. As cidades eram, no seu início, o local das igualdades; onde todos estavam sob o mesmo regime de ordem e onde todos deviam respeito aos únicos representantes maiores - aos sacerdotes e aos reis, que dividiam o poder terreno e espiritual. Estes eram os únicos que podiam ser diferentes dentre tantos iguais.

A ausência de antagonismo no território das cidades permite o estudo dos continentes com a representação dos seus dois marcos principais, o ventre materno e o sepulcro, já que a cidade tem as características de uma eterna proteção, e de repouso absoluto, e que na sua estrutura física remete, também, ao sentido do vazio, ou da cavidade, dentro de um caos



absoluto, representado pela natureza espontânea e indomável. Esta clareira murada construída pelo homem, quer para reverenciar seus mortos - como no Egito ou no México - quer para se tornar morada, será sempre um espaço vazio em oposição ao “cheio” da natureza. Será sempre um espaço organizado em oposição à desordem natural. Mas, será, ainda, a Mandala, com a sua forma quadrangular, que transforma a terra mortal em terra incorruptível, numa aproximação com a ideia de “Paraíso Terrestre”, que ampliará sua forma no redondo do seu significado, nas praças, “deslocando o acento simbólico para as volúpias secretas da intimidade” (Idem, p. 171).

As praças, na organização do espaço urbano serão as referências mais próximas da natureza e do Jardim das Delícias. Local em que tanto as árvores e a vegetação decorativa remontarão à ideia da perfeição e da harmonia, integrando o material sólido da construção das habitações ao material sutil das praças, a vegetação e os animais, como uma possibilidade de se reconstituir a “síndrome paradisíaca”, conforme Mircea Eliade (1998); ou seja, a possibilidade de o homem se comunicar com os deuses e com os animais, que numa “eufemização da animalidade, sua integração é a oposição ‘noturna’ da exacerbação negativa do simbolismo animal da consciência ‘diurna’, a animalidade pende aí para o lado da monstruosidade” (GUHL, 1972, p. 23). Os monstros são transformados em animais mansos e domésticos, ou melhor, domesticados. Mais um dos predicativos da mulher, na formação das cidades e na organização dos agrupamentos humanos.

Refletindo sobre a interação das formas da Mandala, na constituição dos espaços urbanos, pode-se dizer que o círculo se inscreve no quadrado, com uma coincidência de centros - num raciocínio geométrico básico, mesmo que os centros não sejam os mesmos fisicamente, simbolicamente, serão. Por quê? Porque as praças, como representação máxima do Paraíso, são o centro do mundo, a ligação dos sagrados; o local para onde os mundos - inferior, médio e superior - convergem. Daí os estudos etimológicos da palavra Paraíso que vai do hindu *Paradêsha* ao ocidental *Paradis*, com toda a sua equivalência simbólica que demonstra o arquétipo do Centro

[...] de mais, se estes espaços (em particular o jardim e a ilha) tendem morfologicamente a uma adequação quase imediata com o paraíso, não se deve esquecer que, enquanto símbolos, eles podem estar carregados de uma certa dose de ambivalência, este é essencialmente seu ‘clima’ e tudo aquilo que sobressai daí confere-lhe a assinatura paradisíaca” (GUHL, 1972, p. 25).

Os jardins, espaços urbanos onde a natureza é apresentada como um recurso a mais para o lazer urbano, se representam o Paraíso, são também lugares de meditação que permitem a restauração da natureza original do ser, o ócio, o devaneio, o passeio despreocupado, os jogos lúdicos e as brincadeiras com as crianças. Esta possibilidade da integração do homem com o seu princípio natural, faz dos jardins e dos parques urbanos representações de pequenas e seguras selvas. O homem já não precisa mais fugir da cidade para se tornar um “bom selvagem”, ele pode ir para os jardins ou praças e se integrar na representação mais próxima da natureza.

Nos jardins pode-se ter uma realização mental ao se contemplar as flores, sua matéria-prima, transformando as formas contempladas em energias correspondentes que se transformam em estados de consciência, de visões mentais; desta forma os jardins cumpririam seu propósito de símbolos do Paraíso, enquanto lugares de transcendência. Já os parques têm uma função outra que é recolocar o homem em seu estado natural. Permitir-lhe que ao andar por suas alamedas encontre tanto espécies vegetais diversificadas, como espécies animais;



como se estivesse caminhando por uma selva sem perigos, já que os animais não são selvagens. Esta representação de um mundo natural talvez seja a mais importante função de um parque. Mas, tanto parque quanto jardim são locais fechados, cercados, separados do mundo que os rodeia - a cidade. Dentro deste espaço agitado, estas áreas verdes são espaços de repouso absoluto e de silêncio, onde o ruído que se ouve são o farfalhar das árvores e os cantos dos pássaros, principalmente.

Nos parques e nos jardins, a natureza simboliza os ritos de renovação e guardam as árvores com os seus mais variados simbolismos - da árvore sagrada à árvore da ressurreição vegetal, da regeneração do ano. Estas áreas verdes simbolizam a teofania das divindades da fecundidade; portanto, são áreas abundantes em arquétipos e símbolos vegetais, que permitem ao homem não somente a transcendência, mas o reconhecimento de que

[...] o valor mágico e farmacêutico de certas plantas é devido, igualmente, a um protótipo celeste da planta, ou ao fato de ela ter sido colhida pela primeira vez por um deus. Nenhuma planta é preciosa em si mesma, mas sim pela sua participação num arquétipo ou pela repetição de certos gestos e palavras que, isolando a planta do espaço profano, a consagram" (ELIADE, 1998, p. 239).

Considerando-se suas dimensões simbólicas, estas áreas verdes que representam no plano terrestre o Paraíso Celeste são fontes de busca e de reintegração das dimensões mais profundas do ser humano para dar-lhe, mesmo que por um tempo mínimo, o seu status de criatura de Deus, de filho de Deus, que tem ascendência sobre as coisas, os animais e os vegetais. São nestes espaços que os homens buscam se reconfortar das tarefas diárias e do cansaço da lida infundável para a sua sobrevivência. São locais em que o encontro com o Criador é mais fácil e onde a integração com a grande obra é mais intensa. Não tem importância que todo o traçado e todas as plantas ali colocadas tenham sido pensados e escolhidos pelo ser humano, sem nenhum cuidado com a consagração do solo, porque certamente o que agiu no homem não foi a sua vontade, mas a força do arquétipo que o remeteu às suas origens sagradas. Sempre estas áreas verdes serão uma imagem do Paraíso, que terá o seu centro e, conseqüentemente, o centro do mundo, marcado, senão por uma árvore, a mais frondosa, por um coreto, uma fonte, ou um lago, suscitando emoções sobre-humanas. Por este motivo e pela força da energia das cratofanias e das hierofanias do local, a natureza se transfigura sobrecarregando-se de mitos; Lévy-Brhul (1938) diz a respeito das estruturas hierofânicas dos espaços sagrados que

[...] entre os indígenas, nunca o lugar sagrado se apresenta isoladamente ao espírito. Ele sempre faz parte de um complexo em que entram também as espécies vegetais ou animais que aí abundam em certas estações, os heróis míticos que aí viveram, vaguearam, criaram e frequentemente foram incorporados ao solo, as cerimônias que aí se celebraram periodicamente e, enfim, as emoções suscitadas por este conjunto (LÉVY-BRHUL apud ELIADE, 1998, p. 295).

A sacralização do local leva em consideração a história do local e os fatos aí vivenciados e, talvez, o elemento mais intenso para que isto aconteça seja a emoção de quem o sacraliza. Por este motivo é que se pode dizer que quem quer que seja que projeta ou constrói um jardim ou parque está sempre possuído por forças afetivas e por uma emoção - participação mística, ainda segundo Lévy-Bruhl - que permanece latente no indivíduo até quando o jardim está totalmente formado, anos após o início da sua construção.

Parques e jardins revelam no indivíduo o local onde se operaram as revelações primordiais, onde o homem aprendeu sobre a nutrição, assegurando a continuidade das suas reservas alimentares, fazendo destes locais o palco das reproduções dos gestos primordiais, permitindo isolá-lo do espaço profano à sua volta

[...] o lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e de sacralidade que permite ao homem, na condição de que ali penetre, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade. Tornando-se essa intuição elementar do lugar, pela hierofania, um 'centro' permanente de sacralidade, ela orienta e explica todo um conjunto de sistemas muitas vezes complexos e densos. Mas, por muito variado e diferentemente elaborados que sejam os espaços sagrados, todos eles oferecem um traço comum: há sempre uma área definida que torna possível (sob formas aliás muito variadas) a comunhão na sacralidade" (ELIADE, 1998, p. 296).

Comunhão, sacralidade e integração cósmica do humano, esta é a função primeira das áreas verdes que se escondem na complexidade urbana, e que fazem com que o cidadão sinta quando adentra nestas áreas uma "sensação diferente", que, conforme Eliade, não é outra coisa senão a "nostalgia do Paraíso".

### 3 Considerações Finais

As cidades surgem do desejo do homem em ter um local seguro para a sua sobrevivência, onde poderia "descansar", mas nos primórdios da humanidade os primeiros aglomerados humanos aparecem com a morte, ou o descanso eterno, onde os paleolíticos enterravam os seus mortos e depois voltavam a estes locais, para um ritual aos antepassados e, reverência à morte, o único e desconhecido descanso. Com o passar do tempo outras necessidades surgem e a mulher torna-se a propulsora e a chave deste grande processo, pois faz-se importante um local seguro onde poderia gerar, criar e educar os seus filhos, protegendo-os e se protegendo do caos externo.

Porém, com o passar do tempo as cidades tornam-se antagônicas; se primeiro o homem tinha na cidade o seu local seguro, hoje não se pode dizer o mesmo. Dentro desses lugares, murados e cercados, a pretensa segurança torna-se frágil. Se antes o perigo estava fora das cidades, hoje o perigo e o medo se encontram dentro delas, criando dentro das cidades o seu Cosmos e seu Caos.

Hoje o desejo dos homens de se reconectarem com a natureza se revela por meio dos parques e das praças, as quais surgem do seu inconsciente em busca do paraíso, do seu pequeno Jardim do Éden que se concretiza dentro de seu cosmo onde são os deuses a sua criação. São nestes espaços onde se nutrem e se socializam. Ou seja, a idealização destes espaços vai além, adentram o inconsciente coletivo a fim de sanar os desejos de outrora que foram perdidos, esquecidos, e por vezes negados.

### 4 Referências

BURGO, J. *Le refuge II* - Cahier du Centre de Recherche sur l'Imaginaire. Paris: Lettre Moderne. 1972.

CALVINO, I. *Marcivaldo ou As estações na cidade*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DURAND, G. La ville et la division du royaume: vers une sociologie des profondeurs. In: BRILL, E. J. *L'um e le divers*, v. 45, Erasmus, 1976; Leiden.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução arquetipologia geral. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUHL, M. -C. Le paradis ou la configuration mythique et archétypale du refuge. In: Jean Burgos, (Hrg.), **Circe - Le refuge II**, Les Cahiers, Bd. 3, Paris: 1972, S. 11 - 105.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RANK, O. **Le traumatisme de la naissance**. Paris: Payot, 1968.

VERNANT, J.P. **Mito e sociedade na Grécia antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.